A territorialidade portuguesa na cidade de São Paulo nos anos 1930

Sênia Bastos*

A pesquisa urbana na cidade de São Paulo

Nos anos 1930, a pesquisa urbana na cidade de São Paulo passou a ser realizada por pesquisadores vinculados à Escola de Sociologia e Política (1933)[1], à Universidade de São Paulo (1934)[2] e ao Departamento de Cultura e de Recreação de São Paulo (1935). Criada em 1934, a *Revista do Arquivo Municipal* (RAM)[3] constituiu o principal veículo de publicação dessas pesquisas e da divulgação das ações da equipe do Departamento de Cultura (DC)[4], a cargo de Mário de Andrade, prestando-se, ainda, a publicação de artigos de outras modalidades de colaboradores: religiosos, polígrafos e homens de letras, engenheiros, advogados, folcloristas, bibliotecários, professores etc.[5]

A criação dessas instituições renovou o sistema intelectual vigente, até então marcado por estudos dos intelectuais ligados aos institutos históricos e geográficos, museus e faculdades de medicina e de direito.[6] Foram desenvolvidas novas formas de saber e de pesquisa, que valorizavam a ciência que ora se instituía em nosso território: a Sociologia.[7]

A seleção dos artigos

Especial interesse para este artigo constitui os estudos do nível social, da nacionalidade, da densidade e distribuição da população, desenvolvidos pela Seção de Documentação Social do DC, com a colaboração de docentes e discentes da Escola de Sociologia e Política, do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo e do Instituto de Higiene de São Paulo.

O estudo da territorialidade portuguesa na cidade de São Paulo pauta-se, sobretudo, pela análise de dois ensaios realizados pela Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais do DC[8], bem como dois artigos de Araújo que tem como fonte de pesquisa o recenseamento de 1934[9]. Revela-se oportuna a esta análise dois artigos de Lowrie[10] sobre a ascendência das crianças matriculadas nos parques infantis e o de Souza[11] acerca dos alunos matriculados na USP. Tais artigos resultam da legislação de criação do DC, que tinha por atribuição "promover o levantamento de situações sociais e econômicas do município, publicando mapas, dados e esquemas gráficos; proceder a inquéritos no meio social sobre atividades e ocupações dominantes, assim como sobre os padrões de vida operária"[12].

A equipe responsável pela realização dos ensaios adveio da Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais e do Laboratório de Psicologia Aplicada, do Instituto de Educação. Sem precisar o responsável pelo estudo, objetivaram definir um método para identificar a distribuição da profissão e a nacionalidade dos pais dos alunos dos grupos escolares públicos da cidade.

No segundo ensaio estendem a abordagem e apontam a preocupação em localizar as "colônias estrangeiras do município pela análise da distribuição da nacionalidade dos pais dos alunos de grupos escolares" bem como "permitir algumas indicações sobre o ambiente cultural em que vivem as crianças das várias zonas da cidade"[14]. O princípio norteador da pesquisa fundamenta-se na possibilidade de determinar a existência e localizar aproximadamente as colônias estrangeiras no município e a obter:

> [...] algumas indicações sobre o ambiente cultural em que vivem as crianças das várias zonas da cidade. [...] As informações relativas à língua falada em casa, sobretudo, podiam esclarecer o grau de extensão da assimilação dos elementos estrangeiros e explicar algumas das diferenças de rendimento escolar dos alunos.[15]

As fontes de pesquisa dos ensaios referem-se às matrículas dos alunos de 76 escolas públicas, aos registros de 214.863 nascimentos relativos ao período 1920 a 1928 e o recenseamento de 1934.

Ao que se refere às crianças matriculadas nas escolas públicas, os dados totalizam 67.325 crianças matriculadas. Concluíram que em 48 escolas verificava-se o predomínio de pais estrangeiros (63%), o que correspondeu a 43.851 alunos. Ao que se refere à análise da nacionalidade das mães, receberam apenas dados relativos a 75 escolas, o que totalizava 65.855 crianças, sendo que em quarenta escolas, 34.791 das crianças eram filhas de mães estrangeiras (53%).

Contextualizando tal resultado, problematizam os dados, destacando tanto a presença de escolas das próprias colônias, bem como para aquelas crianças que se encontravam fora do sistema de ensino, em virtude do "desinteresse" dos progenitores:

> [...] não se ignora que os vários núcleos estrangeiros fundam escolas para as suas crianças, e há muitas razões para crer que algumas dessas nacionalidades enviem a maior parte dos filhos a essas escolas de preferência a outras [...] há boas razões para crer que as varias colônias estrangeiras de São Paulo não nutram igual interesse pela educação: anseiam umas por ver seus filhos na escola, encaram outras o problema com indiferença.[16]

Raffaini, todavia, chama a atenção para ausência do número de vagas no sistema educacional nesse período e indica a abertura de vagas nos parques infantis como uma solução paliativa:[17]

> [...] provavelmente muitos filhos de operários não freqüentavam a escola, já que não havia vagas no ensino primário para todas as crianças. Dessa forma, devemos considerar com cautela os resultados da pesquisa.
> [...] Aqui podemos perceber a construção de um discurso segundo o qual alguns grupos de imigrantes não possuíam interesse em enviar os filhos às escolas, mas novamente não se fala da falta de vagas para o ensino primário, que provavelmente era uma das causas de um número elevado de crianças ficarem fora da rede educacional.

Conscientes de que não tinham atingido a totalidade de crianças da capital, os pesquisadores concluíram que a influência do elemento estrangeiro na amostra selecionada era significativa: cerca de 50 a 60% das crianças eram filhas de pai ou mãe estrangeiros.

Em mais da metade dos lares de que saem as crianças para as escolas publicas é determinado pela existência de, pelo menos, um dos pais, de nacionalidade estrangeira.[18]

Devido à evidência revelada por tais dados, os pesquisadores valeram-se de outras modalidades de registro para cotejá-los e 'perseguir' os objetivos anunciados: os nascimentos relativos ao período 1920 a 1928 e aos dados do recenseamento de 1934.

Para os registros de nascimentos, totalizaram 41% de crianças filhas de pai e mãe estrangeiros (88.044), 19% filhos de pelo menos um dos pais estrangeiros (38.858), 37% filhos de pai e mãe brasileiros (80.366) e 3% filho de pelo menos um dos pais de nacionalidade ignorada (7.595). Ao que se refere ao recenseamento, apresentaram as seguintes evidências: "41% das crianças em idade escolar eram de pais brasileiros e 59% de pais estrangeiros".[19]

Retomando o objetivo 'perseguido', revelaram as áreas da cidade onde se concentravam os estrangeiros, tendo elaborado mapas acerca de sua distribuição. Ressaltaram a pequena porcentagem de sírios, alemães, japoneses e russos, registrados nos distritos escolares analisados. Acerca da localização dos portugueses destacaram a sua preferência por áreas menos densamente ocupadas, em virtude de sua atividade econômica preferencial nas chácaras urbanas:

> No centro e na parte industrial da cidade a sua porcentagem é baixa. Ao longo das estradas de ferro, localização mais procurada pelos estabelecimentos industriais, os portugueses são menos numerosos. Afastando-nos das vias de comunicação e aproximando-nos da zona semi-rural tanto ao norte, como ao sul, vemos seu número aumentar. Sua proporção é mais elevada nas partes periféricas da cidade, nos subúrbios, onde a densidade da população é mais fraca. É de se notar que, nos lugares de maior concentração, a percentagem de portugueses é consideravelmente mais elevada que a dos italianos. O resultado surpreende, em vista da observação corrente de que os portugueses não estabelecem colônia, ao passo que o fazem os italianos. A explicação está, provavelmente, por um lado na natureza de suas ocupações e, por outro, na insuficiência dos dados de que dispomos. Com preferência marcada para o trabalho agrícola em chácaras, eles se estabelecem nas partes do município mais adaptáveis a semelhante atividade, tornando-se, assim, frequentemente, a nacionalidade dominante em tais áreas, não pela vontade de permanecerem com os patrícios, pois se encontram muitas vezes a distancia considerável uns dos outros, mas antes por não se adaptarem os brasileiros, que normalmente cultivam a terra, á profissão de chacareiros, que é a de melhores rendimentos nos subúrbios. Não indicam os nossos dados até que ponto a concentração portuguesa está sendo afetada pelo único grupo de estrangeiros que mostra decidida tendência para entrar em competição com eles – os japoneses.[20]

Concluíram o ensaio destacando a importância do papel da escola para garantir as condições para que os filhos de imigrantes se tornassem cidadãos brasileiros:

> Para as escolas o fato significa que a tarefa presente é a de ensinar e guiar os alunos, filhos de pais estrangeiros, de modo a tornarem-se cidadãos brasileiros, úteis e leaes (sic). Significa também que tal tarefa se torna ainda mais difícil, dado o fato de uma porcentagem considerável de crianças viver em meios estrangeiros ou semi-estrangeiros desfavoráveis à cidadania eficiente. Quer dizer ainda isto que um número muito grande de crianças se acha em conflito sério com os seus lares e vizinhança, conflito que se estabelece entre a cultura de pais e companheiros, parcialmente assimilados ou não assimilados, e a cultura da escola e da comunidade em geral. São exatamente condições desta ordem que levam os conflitos psicológicos, ao desenvolvimento de hábitos antisociais, ao ajustamento social inadequado, a baixos padrões morais e ao crime.[21]

Para esse período, a ameaça imigrante constituía um risco à cidadania brasileira, ou seja, para corrigir esse problema fazia-se mister a nacionalização do filho do imigrante, lembrando que cerca de 50 a 60% das crianças matriculadas nas escolas eram filhas de estrangeiros.

A pesquisa de Lowrie preserva a modalidade de abordagem do Ensaio. Por meio da criança matriculada no Parque Infantil, os pesquisadores tiveram acesso a informações de diferentes gerações da família (realizadas com o responsável pela matrícula da criança). Lowrie sistematizou suas reflexões acerca da ascendência das crianças matriculadas nos parques infantis da Lapa, Dom Pedro (Centro) e Ipiranga em dois artigos. No primeiro, analisou as famílias das crianças matriculadas no Parque Dom Pedro II[22] em 1936, buscando identificar a nacionalidade e ascendência de 453 crianças; no segundo artigo, ampliou o universo da abordagem: famílias das 1.651 crianças matriculadas nos três parques infantis municipais[23].

Resulta da análise de Lowrie apenas 106 crianças, cuja família possuía ascendência portuguesa, sendo 106 de pai português e 60 de mãe portuguesa. Ao que se refere aos avós paternos, 152 homens e 150 mulheres de origem portuguesa. Já os avós maternos revelam 108 homens e 96 mulheres de origem portuguesa. O número médio de filhos identificado foi 4,25 filhos nas famílias de pais portugueses e de 3,77 nas famílias de pais brasileiros, cujos ancestrais (pai) eram portugueses.

Nota-se o equilíbrio do número de homens e mulheres portugueses nas uniões dos avós paternos, enquanto os avós maternos já apresentam ligeira predominância de homens portugueses (89%) em relação às mulheres. Ao que se refere aos pais das crianças, essa tendência se intensifica, visto que apenas 56% dos portugueses tiveram filhos com mulheres de mesma origem. Tais dados sugerem que os ancestrais imigraram casados, dados que pode ser cotejado com a legislação imigratória que privilegiava a imigração de famílias.

A influência do Ensaio também pode ser percebida no estudo publicado em janeiro do ano seguinte acerca do "estudo tipológico do universitário paulista" que objetivava conhecer as "raças que estão influindo mais decisivamente na formação de nosso povo, sua boa ou má aclimatação, capacidade de miscigenação etc." Infere-se o desejo de conhecer os diferentes estratos sociais da cidade, pois a pesquisa de Souza[24] privilegia a elite paulista:

Procuramos colher informações sobre seus ascendentes até avós, de modo que, examinando até novembro de 1936, 512 estudantes dos quais somente 11 eram estrangei-

ros, ficamos conhecendo a nacionalidade de 3.072 ancestrais [...] essa geração moça que consegue galgar as portas universitárias corresponde ao escol de nossa gente; a existência portanto nesse grupo, de representantes de raças que para cá imigraram, se cruzaram e se desenvolveram, significará não só boa aclimatação ao meio físico, como perfeita identidade com a nova pátria.[25]

Para Souza, os alunos matriculados na Universidade de São Paulo (cursos de Direito, Politécnica, Medicina, Farmácia, Odontologia, Veterinária, Filosofia e Educação) em 1936, reuniam "representantes de todos os pontos de São Paulo, como pela demonstração cabal do alto poder de fusão do nosso ambiente, onde todos os que acorrem com anseios de trabalho e triunfo encontram terreno propício para se desenvolverem". Constata:

> É impressionante o grau de miscibilidade do paulista, verificável no estudo da ascendência dos universitários; assim, dos 95 cujos pais e avós são brasileiros, mas de diferentes Estados da União, 63,6% dos pais e 49,4% dos avós são paulistas; dos 175 provindos de cruzamentos entre brasileiros e estrangeiros, a origem paulista dos pais e avós é encontrada em 56,8% e 27,7%, respectivamente. Além da alta capacidade de fusão essas relações mostram o aumento da participação paulista de uma geração a outra.[26]

A análise de Souza recai sobre o coeficiente de homogeneidade e o índice de fusibilidade por nacionalidade, ao que constata certa homogeneidade: "os pais de ambos os cônjuges pertencem a uma mesma nacionalidade e as mistas ou heterogêneas: quando um ascendente que seja, pertence a etnia diferente".[27] Ao que concluiu:

> O índice de fusibilidade do brasileiro é bom, progredindo nitidamente de uma geração a outra; somente mais duas nacionalidades conseguem esse aumento: a italiana e a síria, quase tão intensamente quanto a brasileira; para as demais, ou houve equilíbrio ou mesmo baixa desse índice, apesar de com freqüência ser mais elevado que o do brasileiro. Os maiores índices (100%), dependentes que são da escassez de elementos contribuintes, não têm valor; dentre as etnias que concorrem pelo menos com 1% do total de ancestrais, entram a alemã e a portuguesa, com índices superiores a 70%, vindo depois a italiana e espanhola, em torno de 40% e só então a brasileira com 22 a 30%. A síria, embora em acréscimo quando se inclui uma geração mais recente, como a dos pais, é muito baixa; menor ainda e com diminuição franca, mesmo com a inclusão da geração mais nova, é a japonesa, que demonstra em nossos achados péssimo índice de fusibilidade: 4 e 2,7%.[28]

A territorialidade portuguesa na cidade de São Paulo nos anos 1930

A metodologia de coleta dos dados demográficos do recenseamento de 1934 pautou-se por uma estratégia diferenciada, visto que foi realizado:

> [...] por quarteirões e faces de quarteirão, unidades menores, naturais, quase imutáveis e de grande homogeneidade. Um tal manancial de informações assim ordenadas

> fornece, a quem deseje estudar intensamente os fenômenos sociais, uma base segura para a descrição das condições exatas da população, em confronto com a distribuição ecológica de outros fenômenos.[29]

O novo censo tornou possível precisar a distribuição dos imigrantes na cidade, cujo território contemplava a zona urbana, a zona urbana-rural e a zona rural. A zona urbana reunia os distritos da Sé, Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Moóca, Cambuci, Liberdade, Consolação, Perdizes, Santa Cecília, Jardim América, Vila Mariana e Bela Vista. A zona rural-urbana contemplava a Lapa, Casa Verde, Santana, Penha, Belenzinho, Ipiranga e Saúde. A zona rural era formada pelos distritos de Nossa Senhora do Ó, Butantã, Osasco, Tucuruvi, São Miguel, Itaquera e Lageado. Além dos brasileiros (744.144), foram contempladas as nacionalidades portuguesa (79.465), italiana (85.782), espanhola (34.517), francesa (1.908), síria (8.734), japonesa (4.563), russa (4.708), alemã (13.362), austríaca (4.661) e inglesa (1.169); as demais foram reunidas como nacionalidade não especificada (50.189), totalizando 1.033.202 moradores[30].

Araújo cotejou essa fonte e publicou dois artigos sobre a concentração étnica dos imigrantes nos distritos paulistanos, por ele denominada "enquistamento étnico". Sistematizou as etnias, classificando-as como latinas (portugueses, franceses, espanhóis, italianos, romenos e brasileiros) e não latinas (sírios, japoneses, russos, alemães, austríacos e ingleses). [31]

Aponta a excelente distribuição territorial dos portugueses na cidade. Reunindo 41,75% de portugueses, na zona urbana-rural identificam-se os maiores índices de sua concentração por distrito: Santana (8,09%) e Belenzinho (16,02%). Com 12.728 portugueses, o Belenzinho detém 6.976 homens e 5.752 mulheres, constitui o distrito com maior concentração na cidade. Santana apresenta 6.431 portugueses, sendo 3.564 homens e 2.867 mulheres.

Tabela 01

Distribuição dos portugueses por distrito, na zona urbana rural paulistana, em 1934

Zona Urbana Rural	%	Total
Lapa	3,96	3.143
Casa Verde	2,12	1.686
Santana	8,09	6.431
Penha	4,53	3.600
Belenzinho	16,02	12.728
Ipiranga	3,42	2.718
Saúde	3,61	2.871
TOTAL	**41,75**	**33.177**

Fonte: ARAÚJO, Oscar Egídio de. "Latinos e não latinos no Município de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, abr. 1941, p.71.

Nota: Trata-se da percentagem sobre o total de indivíduos de cada nacionalidade por Distrito, em 1934.

Todavia, há que se apontar a zona urbana como a de maior concentração, tendo em vista que 48,18% dos portugueses ali se localizavam; sobressaem-se os distritos do Brás (9,97%), Moóca (6,77%) e Bela Vista (5,62%). No Brás distribuem-se 4.366 homens e 3.558 mulheres; na Moóca, 3.105 homens e 2.271 mulheres; na Bela Vista, 2.345 homens e 2.122 mulheres.

Tabela 02
Distribuição dos portugueses por distrito, na zona urbana paulistana, em 1934

Zona Urbana	%	Total
Sé	0,78	621
Santa Ifigênia	3,52	2.800
Bom Retiro	1,08	861
Brás	9,97	7.924
Moóca	6,77	5.376
Cambuci	1,70	1.347
Liberdade	2,90	2.308
Consolação	3,01	2.389
Perdizes	3,88	3.084
Santa Cecília	3,29	2.612
Jardim América	2,31	1.835
Vila Mariana	3,35	2.665
Bela Vista	5,62	4.467
TOTAL	48,18	38.289

Fonte: ARAÚJO, Oscar Egídio de. "Latinos e não latinos no Município de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, abr. 1941, p.71.

Nota: Trata-se da percentagem sobre o total de indivíduos de cada nacionalidade por Distrito, em 1934.

Na área rural localizam-se 10,07%, sendo o distrito do Tucuruvi o que mais concentra os portugueses, com 4,53%, dos quais 1.951 homens e 1.646 mulheres. Em todos os distritos havia o predomínio do sexo masculino, totalizando 56,09% homens e 43,91% mulheres. Revela-se assim a predominância masculina desse grupo, o que corresponde a 12,18% de diferença favorável a esse sexo, segundo Araújo[32].

Tabela 03
Distribuição dos portugueses por distrito, na zona rural paulistana, em 1934

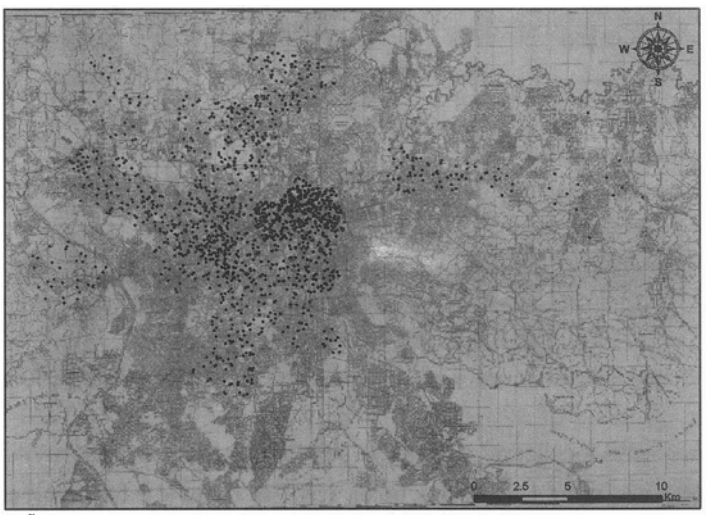
Zona Rural	%	Total
Nossa Senhora do Ó	1,85	1.468
Butantã	2,01	1.597
Osasco	0,85	678
Tucuruvi	4,53	3.597
São Miguel	0,15	122

Itaquera	0,61	487
Lajeado	0,07	50
TOTAL	**10,07**	**7.999**

Fonte: ARAÚJO, Oscar Egídio de. "Latinos e não latinos no Município de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, abr. 1941, p.71.

Nota: Trata-se da percentagem sobre o total de indivíduos de cada nacionalidade por Distrito, em 1934.

Para visualizar a distribuição territorial, apontada por Araújo na planta cartográfica da cidade contemporânea ao recenseamento de 1934[33], elaborou-se um mapa com o programa *ArcGIS 9.0*. Os dados populacionais foram sistematizados por distrito e cada conjunto de 50 indivíduos foi convertido em um ponto. Os pontos foram inseridos sobre uma base cartográfica digital dos atuais distritos da cidade de São Paulo, que serviu para orientação do georreferenciamento da imagem. Com a imagem georreferenciada a divisão distrital foi descartada e os pontos representados diretamente sobre a imagem.



SÃO PAULO - IMIGRANTES PORTUGUESES - 1934

1 Ponto = 50 Imigrantes

Imagem: Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos. Repartição de Eletricidade da The São Paulo Tramway Light & Power Co. Escala da imagem: 1:50.000 - Janeiro de 1943.

Organização: Gilberto Back e Sênia Bastos, 2009.

DISTRITO	IMIGRANTES PORTUGUESES - 1934	DISTRITO	IMIGRANTES PORTUGUESES - 1934
PENHA	3600	BELÉM	12728
LAJEADO	50	SÉ	621
ITAQUERA	487	LIBERDADE	2308
IPIRANGA	2718	REPÚBLICA	2800
JARDIM PAULISTA	1835	SÃO MIGUEL	122
CONSOLAÇÃO	2389	BELA VISTA	4467
SANTA CECÍLIA	2612	CAMBUCI	1347
VILA MARIANA	2665	BRÁS	7924
PERDIZES	3084	FREGUESIA DO Ó	1468
BUTANTÃ	1597	TUCURUVI	3597
SAÚDE	2871	CASA VERDE	1686
BOM RETIRO	861	SANTANA	6431
MÓOCA	5376		

A utilização desse método permite dois tipos de interpretações: a densidade de imigrantes pela proximidade dos pontos e a quantidade pela contagem dos pontos, o que pode ser apreciado no mapa.

Considerações finais

O recenseamento de 1920 registrara 579.033 moradores no município de São Paulo e, em 1940, a população atingia a cifra de 1.326.261, apresentando uma taxa de crescimento geométrico anual de 4,2%[34]. A cidade registrava um crescimento desordenado e os investimentos precisavam ser cuidadosamente planejados.

As dificuldades de adaptação do imigrante, sua concentração em determinadas regiões da cidade, motivou pesquisas acerca da origem étnica desses grupos, a identificar a sua assimilação na sociedade paulistana[35]. Para tanto, se utilizaram de diferentes modalidades de fontes a que tinham acesso, contando com apoio metodológico dos docentes e a participação direta dos alunos das instituições de ensino presentes.

O resultado do mapa apresenta afinidade aos resultados apontados no Ensaio: os portugueses encontram-se presentes em áreas de baixa densidade populacional, ainda com pequena incidência de loteamentos, direção oeste e norte. Sua presença nos bairros industriais e operários sugere a moradia nos cortiços, em regiões com baixa incidência de vagas em escolas públicas. As pesquisas apontam para uma valorização dos portugueses por suas características semelhantes a dos brasileiros.

NOTAS

* Universidade Anhembi Morumbi.

[1] O mapa inserido no presente artigo foi realizado por Gilberto Back, do Laboratório de Planejamento do curso de Turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

[2] A ESP apresentava grande afinidade com o modelo de ensino norte-americano, profissionalizante. Apesar da nítida influência da Escola de Chicago (cuja vertente sociológica caracterizava-se pela realização de estudos dos problemas urbanos das sociedades norte-americanas), acolheu professores norte-americanos, alemães, tchecos, ingleses, italianos etc.

[3] Em sua origem, a USP agregou institutos de Ensino Superior de caráter profissional existentes na cidade.
[4] A RAM reúne 204 números desde a sua criação até 2005.
[5] O Departamento de Cultura foi constituído na gestão municipal de Fábio Prado (Ato n. 768, de 10/10/1935), na cidade de São Paulo, por iniciativa de Paulo Duarte e de Mário de Andrade. Por ocasião de sua criação o Departamento de Cultura era composto pelas divisões de Documentação Histórica e Social (Sérgio Milliet), de Educação e Recreio (Nicanor de Miranda), de Expansão Cultural (Mário de Andrade) e de Bibliotecas (Rubens Borba).
[6] CLARO, Silene Ferreira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças de trajetórias).* São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008, p. 4.
[7] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
[8] PONTES, Heloísa. "Retratos do Brasil: editores, editoras e "Coleções Brasiliana" nas décadas de 30, 40 e 50". In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil.* São Paulo,Vértice/IDESP, 1989, p. 362.
[9] ENSAIO de um método de investigação do nível social de São Paulo pela distribuição da profissão dos pais dos alunos das escolas primárias públicas. *Revista do Arquivo Municipal*, mai. 1936. ENSAIO de um método de estudo da distribuição da nacionalidade dos pais dos alunos dos grupos escolares da cidade de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, jul. 1936.
[10] ARAÚJO, Oscar Egídio de. "Enquistamentos étnicos". *Revista do Arquivo Municipal*, mar. 1940. ARAÚJO, Oscar Egídio de. "Latinos e não latinos no Município de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, abr. 1941.
[11] LOWRIE, Samuel Harman. "Ascendência das crianças registradas no Parque D. Pedro II". *Revista do Arquivo Municipal,* out. 1937. LOWRIE, Samuel Harman. "Ascendência das crianças registradas nos parques infantis de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, nov. 1937.
[12] SOUZA, Rafael Paula. "Contribuição à etnologia paulista". *Revista do Arquivo Municipal*, jan. 1937.
[13] RUBINO, Silvana. "Clube de pesquisadores: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia". In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil.* São Paulo, Editora Sumaré/FAPESP, 1989, p. 492.
[14] ENSAIO, *op. cit.*, jul. 1936, p. 197.
[15] ENSAIO, *op. cit.*, jul. 1936, p. 198.
[16] ENSAIO. *op. cit.*, jul. 1936, p. 199.
[17] RAFFAINI, Patrícia. *Esculpindo a cultura na forma Brasil. O Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938).* São Paulo, Humanitas/USP, 2001, p. 51.
[18] ENSAIO, *op. cit.*, jul. 1936, p. 201.
[19] ENSAIO, *op. cit.*, jul.1936, p. 202.
[20] ENSAIO, *op. cit.*, jul. 1936, p. 222.
[21] ENSAIO, *op. cit.* jul. 1936, p. 234.
[22] Lowrie, op. cit., out. 1937
[23] Lowrie, *op. cit.*, nov. 1937.
[24] Souza, *op. cit.,* p. 95.
[25] *Idem, ibidem.*
[26] Souza, *op. cit.*, p. 96.
[27] *Idem, ibidem.*
[28] Souza, *op. cit.*, p. 100.
[29] SILVA, Sérgio Milliet da Costa. "A representação dos fenômenos demográficos. Comunicação do Departamento de Cultura ao Congresso de População de Paris, 1937". *Revista do Arquivo Municipal,* 1937, p. 214.
[30] Araújo, *op. cit.*, 1941, p. 71.
[31] Araújo, *op. cit.*, 1941, p. 69.
[32] Araújo, *op. cit.*, p. 90.
[33] Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos, da Repartição de Eletricidade da The São Paulo Tramway Light & Power Co. – elaborada em Janeiro de 1943 na escala 1:50.000.
[34] IBGE.
[35] LOWRIE, Samuel H. "A origem da população da cidade de São Paulo e diferenciação das classes sociais". *Revista do Arquivo Municipal*, jan. 1938.